

A nota de síntese, um instrumento de estruturação da sociologia da educação

Régine Sirota

Régine Sirota

Universidade de Paris V – René Descartes – Sorbonne
E-mail: regine.sirota@parisdescartes.fr

Tradução para o português realizada por

Ione Ribeiro Valle

Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC

E-mail: ione.valle@ufsc.br

 <https://orcid.org/0000-0001-7496-3959>

Texto original intitulado: “*La note de synthèse, un instrument de structuration de la sociologie de l’éducation*”, publicado em *Revue Française de Pédagogie*, n° 135 avril-mai-juin/2001, p. 45-60. Versão em francês disponível em:

https://www.persee.fr/doc/rfp_0556-7807_2001_num_135_1_2793

Gostaria inicialmente, e de forma bem explícita, de prestar uma dupla homenagem a Jean Hassenforder e a Jean-Claude Forquin ao analisar o surgimento e as possibilidades de uma prática científica, a “nota de síntese”, no mundo da sociologia da educação. Se essa prática é hoje considerada legítima e adquiriu sua notoriedade, nem sempre foi assim, o que, parece-me, talvez se tenha tendência a esquecer. Não entrarei, portanto, nos debates filosóficos de outrora, contentar-me-ei aqui em ressituar as expectativas face ao aparecimento de um gênero particular de escrita científica, a nota de síntese, em relação à constituição de uma comunidade científica.

Viagens e lembranças: O retorno às imagens

Hesitei muito sobre o título desta intervenção, oscilando entre a ordem do sonho e a ordem do academicismo, porque as primeiras imagens que me vinham evocavam passeios na biblioteca, convites para viagens. Duas lembranças literalmente se impuseram ao refletir sobre esta comunicação. Primeiramente, gostaria de evocar aqui um viagem à Toulouse em 1983, durante um colóquio que se intitulava “*Por um balanço da sociologia da educação*”.



Este colóquio reuniu sociólogos da educação francófonos sob a iniciativa de Jean-Michel Berthelot, então professor em Toulouse. Esse encontro foi posteriormente, e com grande frequência, considerado como um dos momentos-chaves de recomposição da sociologia francesa da educação. Seu subtítulo era “*A sociologia da educação face às transformações dos sistemas escolares e às novas expectativas sociais da escolarização*”. Durante essa viagem, eu discutia aleatoriamente sobre uma brilhante conferência com seu autor. Nessa conferência foi apresentado aos sociólogos francófonos o desenvolvimento da “*sociologia do currículo na Grã-Bretanha*” (FORQUIN, 1984). Infelizmente, essa conferência, que ao mesmo tempo fazia um balanço da literatura e introduzia um novo campo de pesquisa, foi tão apreciada que não figura nas notas de síntese da *Revista Francesa de Pedagogia* pois fora imediatamente, pode-se dizer, “cedida” à *Revista Francesa de Sociologia*, como acabamos de tomar conhecimento.

Segunda lembrança, segunda viagem, aconteceu aqui mesmo, nesta casa, no INRP¹. Trata-se da exploração dos corredores do Centro de Documentação e de Pesquisa (CDR)², onde encontrei uma nota de síntese, “*A nova sociologia da educação na Grã-Bretanha. Orientações, aportes teóricos, evolução (1970-1980)*”, cuidadosamente sublinhada à mão, poucos dias após o seu lançamento. Eu estava finalizando minha tese sobre a escola primária no cotidiano (SIROTA, 1998) e, catástrofe ou felicidade como se verá, descobria, um pouco tarde, essas correntes de pesquisa sociológica anglo-saxônicas que também se interessavam pela sala de aula. Seguindo um itinerário indicado, proposto por Jean-Claude Forquin, retomei o conjunto de pistas que representava essa nota e, passo a passo, seguindo-as, explorei essa literatura (mais de 200 referências). Eu a explorei, devo dizer, com sua ajuda imediata, pois ele me surpreendera com a fotocópia em mãos nos corredores do CDR. Eu procurava obras que não poderia encontrar em nenhum outro lugar na França. Ou elas estavam nesse centro de documentação devido à política de aquisições de John Hassenforder, ou no Centro de Documentação Pedagógica da Escola Normal Superior de Saint-Cloud, graças a Jean-Claude que lecionava lá, ou ainda em sua biblioteca pessoal. E foi assim que descobri, eu diria, a imensa generosidade e profundidade cultural de Jean-Claude, pois me apropriei desses textos assim que eram publicados, seguindo seus rastros e apreciando a cada etapa a qualidade, a pertinência e a fiabilidade de suas notas de síntese e de suas introduções.

Por que evocar essas viagens, essas lembranças tão pessoais? Talvez porque, fiel a uma certa corrente teórica, parece-me importante, neste ritual de celebração que é um colóquio de homenagem, dar seu lugar, como dizia Goffman, aos momentos e a seus homens³. Parece-me que esses dois momentos estão intrinsecamente ligados à evolução do campo da sociologia da educação. Essa primeira viagem, essa primeira lembrança ocorreu num momento importante de reestruturação do ambiente da pesquisa em sociologia da educação. Este encontro representou uma mudança de geração, uma mudança de problemática e uma mudança de escala, tanto em termos de efetivos, quanto de produção. Durante esse colóquio, quase 250 pesquisadores se reuniram em Toulouse, fato marcante e significativo num meio científico pouco

habituação a encontros desta magnitude. Eu era uma jovem pesquisadora num laboratório patentado pelo CNRS⁴, vinculado à UFR⁵ de Ciências da Educação da Universidade de Paris V, o “Grupo de sociologia da educação”, e nunca tinha visto tantos pesquisadores pertencentes ao meu campo de pesquisa e com tanta vontade de se encontrar. Isso marcou uma ruptura importante nas maneiras de agir desse meio. Jean-Michel Berthelot assinala, aliás, em sua introdução: “Embora tenha adquirido nos últimos 20 anos uma justa reputação, a sociologia da educação permanece mal organizada, pouco apoiada, e tende a explodir e a se dividir em segmentos, ligando-se a outros campos da sociologia ou a outras disciplinas, seja as das ciências da educação, da econômica ou da psicologia social. Dez anos após as grandes construções teóricas dos anos 1970, torna-se necessário fazer um balanço”. O projeto do colóquio era possibilitar a troca e o encontro, e esses foram os termos utilizados. Saíamos de um período de debates duros e sangrentos, pouco pautados na cortesia, e se os jornalistas à época se regozijavam com incidentes de defesa de tese, os sociólogos da educação, por sua vez, tendiam a evitá-los. Ora, naquele dia, muitos pesquisadores se fizeram presentes. Mas, como no diz Jean-Michel Berthelot, o projeto de balanço, que era o objetivo e o propósito desse colóquio, foi diversamente contemplado. “Poucos pesquisadores aceitaram e tiveram a possibilidade de se desligar de suas pesquisas em curso e colocá-las em perspectiva”. Jean-Michel sublinhava a falta nesse campo de pesquisa de um polo organizador, capaz de tomar nas mãos o confronto regular e ordenado. Vê-se bem aqui o quanto o trabalho reflexivo de síntese era pouco evidente na época, pois mesmo num colóquio cujo propósito era fazer um balanço da pesquisa em sociologia educação, a tarefa mostrou-se particularmente árdua e mal realizada.

A segunda lembrança-viagem que evoquei também está intimamente ligada à noção de balanço de literatura pois, passeando pelos corredores do CDR com essa nota de síntese sobre a nova sociologia da educação na Grã-Bretanha em mãos, tinha a sensação de portar um objeto da sociologia da educação extremamente raro. Do que dispúnhamos à época em termos de balanço ou de síntese? No campo da sociologia da educação, havia exercícios desse gênero e quais eram os textos disponíveis? No início dos anos 1980, existia muito pouca coisa. Tentei buscar, na minha lembrança, tudo o que fosse possível. Em 1962 foi criada a rubrica “Sociologia da educação” na revista dirigida inicialmente por Durkheim, *L'année sociologique*. Esta rubrica foi confiada a Viviane Isambert-Jamati que encomenda e publica críticas de obras, às vezes agrupadas em torno de um tema, permitindo acompanhar a evolução das produções no campo. Se não se trata efetivamente de falar de revistas de síntese, trata-se de um reconhecimento acadêmico da existência e da importância da produção acadêmica desse subcampo no centro da sociologia. Mas é importante constatar que no contexto francês o número de sociólogos inscritos claramente nesse campo, como Ida Berger que foi por longo tempo a única, ainda era bastante reduzido no CNRS. Foi preciso esperar os anos 1960 para que fosse criado, de um lado, no quadro do Centro de Estudos Sociológicos, uma

equipe de sociologia da educação dirigida por Viviane Isambert-Jamati (que vinha da sociologia do trabalho) e, de outro, no quadro do Centro de Sociologia Européia de Raymond Aron, uma equipe codirigida por Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron. Situação que se ilustraria pela publicação, em 1967 e 1968, de dois números especiais da *Revista Francesa de Sociologia*, dirigida por Pierre Bourdieu e Viviane Isambert-Jamati, apresentando os trabalhos de seus respectivos laboratórios, integralmente centrados na sociologia da educação. Se essa publicação, por representar a reunião de trabalhos originais, permite apreender em grande parte a produção da época, pode-se notar que já figurava dentre esses números um artigo de Monique Segré-Brun, colocando a necessidade e os princípios de construção de um sistema documental em sociologia da educação. Mais ou menos na mesma época, em 1969, no *Tratado das ciências pedagógicas* dirigido por Maurice Debesse e Gaston Mialaret, é publicado um volume, tomo 6, intitulado *Os aspectos sociais da educação*, que propõe textos de síntese em torno das principais temáticas então trabalhadas. É importante destacar que esse volume abrange tanto textos construídos a partir do ponto de vista da psicologia social, da sociologia, quanto da demografia ou da economia, permanecendo bastante ampla a delimitação do campo considerado sob esta denominação. Apesar disso, trata-se do reconhecimento da existência do subcampo da sociologia educação no interior das ciências da educação. Em 1972, o *Trend Report* intitulado *A sociologia da educação no mundo*, solicitado à Viviane Isambert-Jamati pela Associação Internacional de Sociologia, interessada em retomar no plano internacional a literatura sociológica referente à sociologia da educação, é publicado mas permanece pouco conhecido na França. É surpreendente que esse relatório tenha sido confiado a uma francófona por uma associação acadêmica essencialmente anglófona, o que já aponta para o caráter internacional do campo. Eu acrescentaria também a obra de Antoine Prost, *A escola e a família numa sociedade em mutação*, tomo IV, que compõe a monumental *História do ensino e da educação na França* (PARIAS, 1981-1982). Esta obra, situada na intersecção entre história e sociologia, representa uma das primeiras sínteses de tipo enciclopédico, apoiada num grande número de trabalhos produzidos sobre a educação pelas ciências sociais (da antropologia à psicologia social) no pós-guerra, entendida não apenas no sentido da escolarização, mas no sentido amplo da socialização. Ela não se apresenta sob a forma de um texto destinado unicamente aos especialistas, mas sobretudo sob a forma de uma obra, ilustrada por uma extraordinária iconografia, destinada a um público mais amplo. Mas Antoine Prost reclama na introdução, “não é o recuo que falta ao historiador de um período tão contemporâneo, mas as primeiras sínteses que resumiriam e clareariam uma ou outra evolução num domínio preciso. Por falta de trabalhos anteriores, precisei muitas vezes proceder a um primeiro levantamento cuja fragilidade eu conheço melhor do que ninguém”. Também estava disponível à época, um volume, de tipo mais escolar, intitulado *A sociologia da educação* de Alain Gras (1974), que, como os *readers* americanos, reunia e apresentava um certo número de textos considerados naquele momento como incontornáveis, retirados das sociologias francesa, americana e maoísta. Também é importante acrescentar

um texto de natureza bastante diversa, de 1983, o *Relatório Carraz*, intitulado *Pesquisa em educação e em socialização da criança*. Como *Relatório de missão solicitado pelo ministro da Indústria e da Pesquisa* em atendimento a uma encomenda ministerial, o texto faz um balanço das principais tendências da pesquisa em educação, como o seu título indica, mas também coloca explicitamente os problemas da estruturação desse meio.

É preciso constatar, através dessas raras referências, que esse gênero não é muito considerado pela comunidade sociológica francesa. Essa reticência, esse difícil reconhecimento de uma legitimidade acadêmica são sem dúvida imputáveis ao fato de que a nota de síntese representa, de certa maneira, apenas uma análise secundária de trabalhos existentes e não um trabalho de primeira mão, e por isso significa, retomando a expressão utilizada por Georges Vigarello no início deste colóquio, “um trabalho de pesquisa sem terreno aparente”. A esse respeito, gostaria de relatar uma anedota sobre a equipe de sociologia da educação da Universidade de Paris V, laboratório do CNRS que forneceu quase a metade dos autores signatários das revistas de síntese publicadas pela *Revista Francesa de Pedagogia*. Uma questão claramente colocada no laboratório desde a primeira publicação desses textos foi: essas notas de síntese podiam fazer parte do relatório de atividade? Essa atividade era legítima para os pesquisadores de um laboratório de sociologia? A comissão julgadora de sociologia não consideraria desfavoravelmente a produção e, portanto, a recondução do laboratório? Por ser de segunda mão, esse trabalho seria considerado como uma atividade de divulgação, portanto de segunda ordem nos critérios acadêmicos da época ou como uma atividade científica primordial, nobre e legítima para esse “*gate-keepers*” acadêmico, para esse guardião do templo que representa uma comissão do CNRS? Ela seria considerada como uma contribuição para o avanço dos conhecimentos no interior da comunidade científica? Os argumentos intercambiados mostram que o estatuto da nota de síntese ainda é muito vago em termos de aprovação acadêmica, tanto em relação aos seus objetivos, quanto à especificidade de seu público, ou ao seu suporte de publicação. Eu preciso sublinhar isso aqui, pois, se hoje algum cientista, creio eu, adquiriu sua notoriedade, na época não era o caso de se reconhecer a pertinência de uma discussão como essa. Na verdade, seria necessário, digamos claramente, esperar a massificação do ensino superior e o interesse comercial que ele representa para os editores para que florescessem, na edição francesa, esse gênero editorial que são as coleções de obras de síntese e de manuais destinados, principalmente, aos estudantes de graduação. A lógica econômica se sobreporia aos debates de legitimidade acadêmica, fazendo penetrar sem dificuldade a esfera midiática nos critérios de notoriedade do *Homo academicus*⁶ e expandindo esse campo literário. Se, atualmente, pode-se contar com quase uma dezena de obras de síntese em sociologia da educação, elas são relativamente recentes e destinam-se mais aos estudantes que aos pesquisadores, sendo, portanto, escritas de maneira bastante distinta das notas de síntese. Mas esse florescimento de obras confirma e consagra a presença da sociologia

da educação nos cursos universitários, pois ela pressupõe uma análise, em termos de marketing, de um leitor potencial. Os dois gêneros sustentando-se na esfera acadêmica concorrem para o estabelecimento da notoriedade social de um campo científico⁷. Quais são, portanto, o propósito e as apostas suficientemente específicos da nota de síntese?

O nascimento das notas de síntese, o estabelecimento de uma cartografia

Retomo aqui o que disse Jean Hassenforder quando esse gênero foi criado. A nota de síntese aparece em 1978 na *Revista Francesa de Pedagogia*, ou seja, quase uma década após a criação da Revista. A rubrica foi criada por Jean Hassenforder e esse gênero foi fortemente impulsionado por Jean-Claude Forquin que escreveu três das primeiras notas de síntese ou, mais precisamente, seis dos primeiros textos; os números são volumosos e foram divididos em seis. Qual era o projeto de Jean Hassenforder e como ele foi colocado em prática? Ele mesmo explica. Durante a reorganização da Revista, se procurou desenvolver um gênero já bastante difundido no estrangeiro, particularmente nos países anglo-saxões e na Alemanha onde se costuma fazer o estado de uma questão, um relatório de tendência, o que em inglês, aliás, pode apresentar nomes muito variados: “*review of research, review of literature, trend review, critical review, state of the art*”. Pode-se através desses títulos discernir diferentes maneiras de apreender a questão. As notas de síntese se propõem a recapitular as aquisições sobre um determinado assunto e levantar as orientações da pesquisa nesse domínio. Viviane Isambert-Jamati, apresentando *a posteriori* o primeiro levantamento de notas de síntese publicado na forma de um volume, intitulado *Sociologia da educação: dez anos de pesquisa*⁸, situa esse objetivo: “A principal ideia é pedir cada vez a um especialista para que faça, num subcampo sociológico dado (designado pelo objeto, ou pelo método, e às vezes pelo país de elaboração), um estudo sistemático da literatura publicada num determinado período. Análise e não simplesmente relatório: não se pode contentar em classificar as publicações segundo seu tema, mas se tenta explicitar e compreender as teorias subjacentes, e interpretar suas evoluções ou seus enfrentamentos. De maneira que, dizia ela, ao colocarem em ordem fios frequentemente emaranhados, os autores (...) fazem aparecer correntes muitas vezes pouco conhecidas na França, assinalam muitos títulos” (ISAMBERT-JAMATI, 1990). Eis aí todo um programa. Como ele foi posto em prática? Para tentar responder a esta questão, vou, a propósito das notas de síntese, fazer um exercício, um exercício de sociologia do currículo diria, procurando compreender o que está em jogo na nota de síntese, pois se se admite que a nota de síntese, nas próprias palavras de Jean-Claude Forquin (1996), “representa um trabalho de levantamento, de condensação, de organização e de apresentação de uma informação ligada à pesquisa ou oriunda da pesquisa num certo domínio e de difusão através de uma literatura especializada”, então se pode perguntar que impacto social esse trabalho de levantamento e de condensação vai produzir. Em que essa seleção, essa organização dos saberes produz não apenas uma nova organização do pensamento, mas também uma organização social e, mais

precisamente, aqui e mais modestamente, uma estruturação de uma comunidade científica? Para responder a esta pergunta tratarei, evidentemente, apenas das notas de síntese referentes à sociologia da educação. Para entrar nesse jogo pode-se tentar uma primeira analogia entre a nota de síntese e a cartografia ou o mapa, isso é o que faz aliás o próprio Jean-Claude Forquin (ibid.) quando escreve que o mapa é o que o viajante precisa para se deslocar desde que sai de seu território familiar. Gostaria de levar essa metáfora um pouco mais longe e tentar uma analogia não apenas com o mapa, mas com o plano do metrô. Retomando a metáfora do plano do metrô, eu também faço referência a um artigo de Pierre Bourdieu, *A ilusão biográfica*⁹, onde ele faz um alerta em relação a esse tipo de trabalho biográfico, lembrando, e com razão, que nunca se pode esquecer o mapa, o plano do metrô sobre o qual se desenham as trajetórias biográficas. Parece-me que é a mesma coisa aliás quando se trata das trajetórias de leitura, dos “itinerários de leitura” como os reunidos por Jean Hassenforder na coletânea *Leitores e leitoras em educação* (1993). A partir desse ponto de vista, pode-se considerar que as notas de síntese representam, de certa maneira, uma rede metropolitana com suas linhas, suas múltiplas estações, seus cruzamentos, seus pontos de correspondência, suas paradas, suas mudanças de trilho, suas esperas, seus bilhetes de entrada, seus controles de identidade, seus pontos de partida, seus términos. Poder-se-ia aqui, a partir do conjunto desses termos, retomar e explorar ainda mais essa metáfora.

Pôr em rede ou a fabricação do fato científico

Tomarei a noção de rede tal como os sociólogos da ciência a utilizam, referindo-me, aqui, essencialmente a Michel Callon a partir do seu trabalho sobre as redes e a fabricação do fato científico. Isso significa que vou considerar a nota de síntese como um elemento de fabricação do fato científico, e, portanto, como um objeto de apostas em termos de funcionamento de uma comunidade científica, podendo ela se tornar um instrumento de estruturação explícita ou implícita. Como é fabricado um fato científico tendo como referência precisamente a antropologia das ciências e Michel Callon? Se se considera que a ciência é o produto de um processo de fabricação no qual a seleção dos problemas, dos traços e dos elementos pertinentes desempenha um papel essencial, então a nota de síntese vai ocupar um lugar importante nesse processo. Pois a exposição dos conhecimentos científicos não pode ser considerada como uma constatação, como um simples testemunho. Ela é o resultado de múltiplas operações efetuadas sobre uma multidão de representantes, de intermediários de todos os tipos pacientemente selecionados, submetidos à interrogação, e cujos depoimentos são registrados, confrontados, compilados, comparados nos laboratórios, diz-nos Michel Callon, que raciocina principalmente a partir da atividade do pesquisador das ciências experimentais. E se se vai mais longe, se se analisa os instrumentos que dispõe o pesquisador, pode-se perceber que, mesmo tendo em mãos os equipamentos mais sofisticados, um pesquisador

permaneceria totalmente paralisado se não buscasse regularmente todos os tipos de documentos que o mantêm em contato não apenas com seus colegas e seus concorrentes longínquos ou próximos, conhecidos ou desconhecidos, mas com todos os que se interessam pelo seu trabalho (patrocinadores ou professores) ou cujo trabalho lhes interessa, pois os pesquisadores são leitores e escritores particularmente atentos e produtivos. Michel Callon (1989) conclui com experiência e humor: “Retire deles essa literatura da qual se nutrem e se sentirão desamparados, não sabendo mais em quem ou sobre o que se apoiar, não sabendo mais o que vale a pena ser aprofundado. Para um pesquisador, escolher bem suas leituras é tão importante quanto escolher bem seus instrumentos.”

Pode-se assim assimilar a fabricação dessas notas de síntese a um trabalho de mobilização de uma rede heterogênea mais ou menos extensa, obtida por meio de um trabalho de circulação de textos, de intermediários que se tornarão os elementos constitutivos. Dessas redes, os pesquisadores fazem parte, as constituem reconstituindo-se, e o segredo da ciência, tal como é visto nessa corrente de pensamento da sociologia, deve-se inteiramente a esses dois imperativos: provar a resistência de uma proposição e medir o interesse que ela suscita. Por essa razão, se se aceita considerar a hipótese da leitura da estruturação de uma comunidade científica através do surgimento desse gênero específico que é a nota de síntese, pode-se ler aí as expectativas da constituição dessa comunidade, expectativas que contentar-me-ei de enunciar aqui, sem fazer demonstrações completas por falta de tempo, mas que poderiam ser consideradas como pistas para explorações ulteriores.

O que representa esse corpus das notas de síntese? O conjunto das notas de síntese de sociologia da educação, publicadas entre 1978 e 1998, abrange 17 notas sob a forma de 26 textos, algumas divididas na Revista devido ao grande volume de páginas: 19 autores aparecem (de um lado, um certo número são textos coletivos, sinal de mudança nos costumes científicos e, de outro, a reincidência de certos autores, o gênero se torna uma especialidade em si); 14 autores são oriundos ou estão ligados a um laboratório CNRS, principalmente o grupo de sociologia da educação da Universidade de Paris V; três vêm do INRP; os demais vêm de departamentos universitários ou da ENS¹⁰ de Saint-Cloud. Os autores em sua maioria são franceses, apenas dois são estrangeiros (suíço e americano). A quase totalidade das notas de síntese refere-se à educação escolar, apenas uma concerne à educação no sentido amplo. O conjunto representa o ordenamento de mais de 4.000 referências bibliográficas. Em algumas notas a proporção de referências estrangeiras, principalmente anglo-saxônicas, pode chegar a 89%.

Uma apresentação rápida e sumária permite constatar, como foi mencionado acima, que as três notas mais antigas, as de Jean-Claude Forquin, tratavam da problemática central da sociologia da educação dos anos 1970, *as desigualdades educacionais, o sucesso e o fracasso escolares, a nova sociologia da educação na Grã-Bretanha*. Em seguida, aparece uma nota de síntese sobre *as tendências da pesquisa em sociologia da educação na França*, escrita por Jacqueline Eidelman, Angela Cunha Neves e Polymnia Zagefka,

originária de um trabalho preparado para o colóquio *Chevènement sur la recherche*. Depois, encontra-se um conjunto formado de quatro textos sobre *as abordagens etnográficas em sociologia da educação* que distinguem três objetos: *a escola e a comunidade, o estabelecimento escolar, a sala de aula*, cujos autores são respectivamente Agnès Henriot-van Zanten, Jean-Louis Derouet e Régine Sirota; ainda, na mesma linha teórica, está a nota *Etnometodologia e educação* de Alain Coulon, este conjunto formando o primeiro tomo publicado com o título *Sociologia da educação: dez anos de pesquisa*. Esses textos foram publicados entre 1979 e 1988 com uma média de 150 a 240 referências bibliográficas. Alguns deles baseiam sua perspectiva e integralmente suas referências na literatura anglo-saxônica, outros se dividem e oscilam entre 50% e 80% de referências do lado internacional.

Num segundo período é publicado um conjunto de textos mais próximos de temáticas sociais em ebulição. Claramente ancorados na sociologia anglo-saxônica, dois textos de Raymond Bourdoncle voltam-se à profissão docente. Trata-se da *Profissionalização docente, análises sociológicas inglesas e americanas*, analisada em dois tempos sucessivos, *O fascínio das profissões* e *Os limites de um mito*. Além disso, aprofundando as perspectivas de pesquisas precedentes, são publicadas duas outras notas de síntese de Agnès Henriot-van Zanten sobre *A sociologia da educação em meio urbano* e *A antropologia da educação nos Estados Unidos*, esta última nota fazendo apelo a uma antropóloga americana, Kathryn Anderson-Levitt, para apresentar um balanço desta disciplina. Essa perspectiva de abertura anglo-saxônica é seguida por um texto de uma socióloga não francesa mas suíça: *A sociologia das emoções*, de Cleópatra Montandon, que, saindo do domínio escolar, amplia o campo abrangido por essas notas de síntese, interessando-se pela socialização. Retornando principalmente à exploração da evolução do campo na sociologia francesa, são publicados *O ofício de aluno* de Régine Sirota e um texto no qual se faz um balanço sobre *os efeitos escolas e os efeitos mestres*, de Pascal Bressoux. Encontra-se também: *Meninas e meninos na escola, abordagens sociológicas e psicossociais*, de Marie Duru-Bellat (um texto apresentado em dois números e que conta com 539 referências), seguido por *Arquitetura e educação* de Marie-Claude Derouet. No quadro de dois números temáticos da *Revista Francesa de Pedagogia*, sobre questões particularmente vivas, são publicadas *A escola, as crianças da imigração e minorias étnicas: uma revista da literatura francesa, americana e britânica* de Jean-Paul Payet e Agnès Henriot-van Zanten, e depois *A violência na escola na França: 30 anos de construção social do objeto*, de Éric Debarbieux e Yves Montoya, e uma última nota, *A violência nos estabelecimentos escolares britânicos*, de Agnès Henriot-van Zanten, Emmanuel Peignard e Élena Roussier-Fusco. Esse segundo conjunto de textos foi reunido e publicado num segundo volume, intitulado *Sociologia da Educação, Novas abordagens, novos objetos*, e conta com uma introdução de Jean-Claude situando esses novos campos. Vocês podem ver a multiplicidade de objetos tratados nessas poucas notas de síntese. Certamente poder-se-ia levar adiante um estudo comparativo das

temáticas abordadas por essas notas de síntese em relação ao conjunto da produção em sociologia educação na mesma época ou em relação aos temas abrangidos pelos manuais que sintetizam essa produção (esse era o propósito de outras contribuições previstas para esse colóquio). Contento-me, entretanto, a partir da releitura dessas notas e de minha experiência pessoal como autora, em situar um certo número de expectativas.

Notas de síntese de sociologia da educação, publicadas na Revista Francesa de Pedagogia - 1978-1998

1979 (n° 48, n° 49), 1980 (n° 51), “*La sociologie des inégalités d’éducation: principales orientations, principaux résultats depuis 1965*”, J.-C. Forquin, ENS de Saint-Cloud.

1982 (n° 59, n° 60), “*L’approche sociologique de la réussite et de l’échec scolaires: Inégalités de réussite scolaire et appartenance sociale*”, J.-C. Forquin, ENS de Saint-Cloud.

1983 (n° 63), “*La ‘Nouvelle sociologie de l’éducation’ en Grande Bretagne. Orientations, apports théoriques, évolution (1970-1980)*”, J.-C. Forquin, ENS de Saint-Cloud.

1983 (n° 65), “*Tendances de la recherche en sociologie de l’éducation en France 1975-1983*”, J. Eidelman, A. Cunha Neves, P. Zagefka, Groupe de Sociologie de l’Éducation, CNRS Université René-Descartes, Paris.

1987 (n° 78, n° 80), “*Approches ethnographiques en Sociologie de l’éducation: l’école et la communauté, l’établissement scolaire, la classe*”, A. Henriot-van Zanten, J.-L. Derouet, R. Sirota. “*L’école et la communauté, problématique surannée ou renouveau d’un champ de recherche?*”, A. Henriot, Groupe de Sociologie de l’Éducation, CNRS Université René-Descartes, Paris. “*Une sociologie des établissements scolaires: les difficultés de construction d’un nouvel objet scientifique*”, J.-L. Derouet, INRP, Paris. “*La classe: un ensemble désespérément vide ou un ensemble désespérément plein?*”, R. Sirota, Groupe de Sociologie de l’Éducation, CNRS Université René-Descartes, Paris. “*Nouvelles approches méthodologiques ou recompositions de champs?*”, A. Henriot-van Zanten, J.-L. Derouet, R. Sirota.

1988 (n° 82), “*Ethnométhodologie et Éducation*”, A. Coulon, Université Paris VIII.

1991 (n° 94), 1993 (n° 105), “*La professionnalisation des enseignants: analyses sociologiques anglaises ET américaines*”, R. Bourdoncle, INRP, Paris. 1) “*La fascination des professions*”. 2) “*Les limites d’un mythe*”.

1991 (n° 95), “*La sociologie de l’éducation en milieu urbain. Discours politique, pratiques de terrain et production scientifique. 1960-1990*”, A. Henriot-van Zanten, Groupe de Sociologie de l’Éducation, CNRS Université René-Descartes, Paris.

1992 (n° 101), “*L’anthropologie de l’éducation aux États-Unis, méthodes, théories, et applications d’une discipline en évolution*”, A. Henriot-van Zanten, Groupe de Sociologie de l’Éducation, CNRS Université

René Descartes, Paris; K. Anderson-Levitt, Michigan-Dearborn University, USA. 52 *Revue Française de Pédagogie*, n° 135, avril-mai-juin 2001.

1992 (n° 101), “*La sociologie des émotions: un champ nouveau pour la sociologie de l’éducation*”, C. Montandon, Université de Genève et Service de la Recherche Sociologique, Ministère de l’instruction publique, Genève.

1993 (n° 104), “*Le métier d’élève*”, R. Sirota, Groupe de Sociologie de l’Éducation, CNRS Université René-Descartes, Paris.

1994 (n° 108), “*La recherche sur les effets écoles et les effets maîtres*”, P. Bressoux, Université P. Mendès-France, Grenoble.

1994 (n° 109), 1995 (n° 110), “*Filles et garçons à l’école, approches sociologiques et psycho-sociales*”, M. Duru-Bellat, IREDU, CNRS, Université de Bourgogne. 1) “*Des scolarités sexuées, reflet de différences d’aptitude, ou de différences d’attitudes?*”. 2) “*La construction scolaire des différences entre les sexes*”.

1996 (n° 115), “*Architecture et éducation, convergences et divergences des conjonctures politiques et scientifiques*”, M.-C. Derouet-Besson, INRP, Paris.

1996 (n° 117), “*L’école, les enfants de l’immigration et les minorités ethniques: Une revue de la littérature française, américaine et britannique*”, J.-P. Payet, A. van Zanten. 1) “*La scolarisation des enfants et des jeunes issus de l’immigration en France*”, J.-P. Payet, Groupe de recherche sur la socialisation, Université Louis-Lumière, Lyon II. 2) “*La scolarisation des enfants et des jeunes des minorités ethniques aux États-Unis et en Grande-Bretagne*”, A. van Zanten, Groupe de Sociologie de l’Éducation, CNRS, Université René-Descartes, Paris.

1998 (n° 123), “*La violence à l’école en France: 30 ans de construction sociale de l’objet*”, É. Debarbieux, Y. Montoya, Université de Bordeaux II.

“1998 (n° 123), “*La violence dans les établissements scolaires britanniques: approches sociologiques*”, E. Peignard, E. Roussier-Fusco, A. van Zanten, URA Sociologie de l’Éducation, CNRS Université René-Descartes, Paris.

O conjunto dessas notas de síntese é reeditado em:

HASSENFORDER, Jean (Dir.). *Sociologie de l’éducation: Dix ans de recherches*. L’Harmattan. Paris: INRP, 1990 (Préface de V. Isambert-Jamati).

FORQUIN, Jean-Claude (Dir.). *Sociologie de l’éducation: Nouvelles approches, nouveaux objets*. Paris: INRP, 2000 (Introduction de J.-C. Forquin).

Profissionalização de um campo e imposição de um estilo de controvérsia científica

Primeira aposta, parece-me, a profissionalização do campo ou a imposição de um estilo de controvérsia científica. Como vimos, as notas de síntese surgem paralelamente ao aumento do número de professores e da produção científica do campo da sociologia da educação. Trata-se de um campo difícil de ser computado devido ao seus multi-pertencimentos, tanto do lado da sociologia quanto das ciências da educação¹¹. Mas pode-se dizer que o surgimento do gênero nota de síntese marca, de certa maneira, a passagem de uma economia doméstica, artesanal para uma profissionalização, ou porque não dizer, para uma economia mais industrial. Torna-se necessário e urgente dispor no quadro dessa profissionalização de pontos de encontro, de confrontação. Os locais de publicação representam classicamente um desses espaços potenciais numa comunidade científica¹². O exercício de estilo que representa a nota de síntese vai permitir ao mesmo tempo um espaço de exposição e um espaço de confrontação, tanto interna como externamente. Poder-se-ia assim comparar os sistemas de referência das obras que marcaram os anos 1970 (evitando deliberadamente de nomear com precisão) com a produção dos anos de 1980 ou 1990: se nessas primeiras obras, certamente marcantes, dos anos 1970, as referências a outros autores – seja em notas de rodapé ou em bibliografia – são praticamente inexistentes ou extremamente episódicas, elas se tornam obrigatórias como legitimação do propósito na produção dos anos 1980 a 1990. Servir-se de referências passa a ser a prova da especificidade e da originalidade do propósito ou da demonstração num contexto em que a concorrência cresceu e no qual o próprio gênero não pode simplesmente aparecer e ser legitimado pela comunidade científica. Evolução dos costumes de uma comunidade científica, mas também imposição de um estilo de controvérsia científica, pois as primeiras notas de síntese, encomendadas por Jean Hassenforder e implementadas por Jean-Claude Forquin, vão instaurar o que se poderia chamar de jurisprudência das regras do jogo. E isso de maneira ao mesmo tempo explícita e implícita, pois elas fornecem (e posso falar por experiência própria) uma norma de referência na aplicação da encomenda para os pesquisadores que testam esse novo gênero científico. Como nomear essas regras do jogo, como caracterizá-las? Retomarei aqui um texto de Jean-Claude, publicado em 1996, isto é, 17 anos após a aplicação do gênero e onde ele expõe retroativamente os princípios após tê-los posto em prática e testá-los. Esse artigo se intitula “*O uso das sínteses na pesquisa em educação*”. Ele opõe, num primeiro momento, a síntese com função de capitalização documentária à síntese integrativa. Enquanto esta “visa produzir um saber novo e original pela confrontação sistemática ou pela integração metódica de resultados oriundos de trabalhos de pesquisa anteriores”, o objetivo da primeira é sobretudo, diz ele, oferecer uma visão ao mesmo tempo global e atualizada do campo que ajude os pesquisadores a especificar seu objeto de estudo, a encontrar seu lugar nesse campo, e que lhes forneça um conjunto de referências bibliográficas precisas sobre as quais podem se apoiar e cuja contribuição pode se tornar decisiva. Além disso, esse papel de informação e de capitalização documentária, “é, sublinha ele, seu poder de estruturação e de clarificação

definindo o verdadeiro valor, a verdadeira utilidade intelectual de uma nota de síntese”, a qual entretanto, acrescenta Jean-Claude, supõe um dever de imparcialidade, uma obrigação de prestação de contas do campo que é descrito de maneira objetiva e equilibrada. Propondo uma visão de conjunto, uma reconstituição de conjunto do campo ou do domínio que descrevem, as notas de síntese sempre assumem, mais ou menos explícita ou deliberadamente, uma responsabilidade de estruturação mas também de avaliação intelectual, e é esse aspecto que constitui ao mesmo tempo seu aporte mais precioso para os pesquisadores, mas também o mais eminentemente discutível. Esse aspecto pode ser comparado ao papel desempenhado pelas redações de revistas científicas, como sugeriu Jean-Claude Forquin quando, ao reconstituir as etapas de sua carreira durante o coquetel realizado ontem no final da tarde, disse que sua maior felicidade intelectual e profissional tinha sido poder contribuir, como redator chefe da *Revista Francesa de Pedagogia*, para impulsionar alguns autores e supervisionar o trabalho redacional, visando o surgimento ou a valorização de novas abordagens ou de novos objetos de pesquisa.

Ciência normal e emergência de novas problemáticas

Passemos a uma segunda aposta das notas de síntese no que concerne à escolha dos objectos por elas tratados. O aparecimento de uma nota de síntese sobre um objeto específico, num espaço de publicação legítimo dentro de uma comunidade científica, contribui para a consagração desse objeto como científico. Há um efeito de colocação em evidência e de lisibilidade, decorrente da projeção da publicação, extremamente importante, pois reunir um conjunto de referências nacionais e internacionais permite dar notoriedade a perspectivas de pesquisa que estão surgindo. E aqui devo sublinhar a intuição dos redatores da *Revista Francesa de Pedagogia*, que têm dado uma chance a alguns autores para poder escrever notas de síntese sobre objetos que, na época em que foram redigidas, não tinham muito o caráter de legitimidade no campo científico. Em relação a isso, eu, pessoalmente, devo-lhes muito. Desse ponto de vista, se se toma como exemplo as notas de síntese sobre *as abordagens etnográficas*, publicadas em 1987, nota-se que elas vieram num movimento geral da pesquisa sociológica de retorno ao ator e na direção do qualitativo e interpretativo, mas certamente não estávamos suficientemente conscientes de sua importância à época. Se retrospectivamente pode-se fazer essa leitura, a percepção do campo naquele momento era bem menos evidente. Não se pode apreender a consequência pela causa, nesse caso. Essas perspectivas de pesquisa têm beneficiado muito a manutenção da revista, tanto no campo da educação quanto no campo da sociologia. Poder-se-ia fazer a mesma análise em relação a outros temas. Inversamente, pode-se sublinhar o peso dessas notas de síntese sobre a mudança de algumas temáticas: o ponto efetuado pode produzir um efeito de saturação sobre objetos, perspectivas ou modos de abordagem. Esse é um sentimento que experimentei pessoalmente em relação a alguns temas. A leitura e a discussão do conjunto das notas de síntese sobre as

desigualdades de educação, escritas por Jean-Claude, provocaram em muitos de nós um sentimento de desânimo absoluto. O que mais se poderia produzir nesse domínio? Esse efeito de capitalização do trabalho de uma comunidade científica pode portanto contrariar essa perspectiva de eterno recomeço da pesquisa em ciências sociais ou em ciências humanas, que, embora amplamente denunciado, atinge a todos nós. A nota de síntese pode, pelo efeito de saturação que corre o risco de engendrar, evitar tanto aos jovens pesquisadores quanto aos pesquisadores sênior de cair nessa armadilha. Há portanto um duplo efeito ao mesmo tempo de emergência e de saturação ao qual gostaria de acrescentar um terceiro efeito: a constatação da efervescência em torno de um objeto ou de uma problemática. Parece-me que as notas de síntese publicadas sobre *a profissionalização dos professores* ou sobre *a violência* testemunham essa efervescência, num dado momento, em torno de uma problemática em outras esferas culturais. E se alguns objetos, em certos momentos ou durante períodos relativamente longos, vão parecer marginais, como *as emoções*, ou *a arquitetura escolar*, seu aparecimento numa nota de síntese pode legitimá-los, permitindo-lhes existir e destacar-se no futuro. Isso quer dizer que é a aposta intelectual que preside a aceitação ou a encomenda de uma nota de síntese. Pode-se ver portanto tipos distintos de notas de síntese que, entre ciência normal e emergência de novas problemáticas, sancionam diferentes fases da pesquisa. Pois, de certa maneira, essa improvisação do redator e de seu comitê de redação contribui para a constituição e identificação do campo dos objetos legítimos de interesse da comunidade dos sociólogos da educação. Assim, através desse relatório sobre um mesmo espaço de leitura, se desenha a cartografia das pequenas ilhas apenas levantadas, dos continentes amplamente agrimensados, ou das novas terras a conquistar.

A internacionalização: importação, exportação e nomadismo

Terceira aposta das notas de síntese, a internacionalização. Essa internacionalização das referências, extremamente surpreendente nas notas de síntese em sociologia da educação, está marcada por um duplo movimento paradoxal de importação e de exportação que acompanha a profissionalização. Por um lado, trata-se da introdução da literatura estrangeira para, num primeiro momento, preencher um certo atraso da sociologia francesa que por longo tempo ficou confinada à esfera francófona por múltiplas razões explicitadas nesses textos em termos de glaciação teórica, de recuo ideológico, ou de sentimento de auto-suficiência. Isso é particularmente surpreendente nos títulos ou subtítulos das notas de síntese, algumas explicitamente consagradas inteiramente à exploração da literatura anglo-saxônica, como *A antropologia da educação nos Estados Unidos*, que aliás é de co-autoria com um pesquisador americano Kathryn Anderson-Levitt. Muitos autores introduzem esses elementos mostrando que os americanos, os anglo-saxões estão 20 ou 30 anos à frente dos francófonos. Por outro lado, trata-se de aumentar o espaço de comparação dos trabalhos científicos e de homologação dos resultados obtidos e portanto das problemáticas trabalhadas, “fazendo ciência” como nas disciplinas das ciências exatas onde a questão do diálogo com a

literatura anglo-saxônica não se coloca mais, dada sua evidência. Assim, as duas notas de síntese, *Meninas e meninos na escola* de Marie Duru-Bellat, reúnem quase 540 referências, quase a metade sendo em línguas estrangeiras, sinais de uma acumulação verdadeiramente deliberada da autora para convencer sobre a produtividade e a legitimidade de um campo, os “*gender studies*”, cuja introdução permanece difícil na esfera científica francesa¹³, se se debruça sobre a evolução comparada dos estudos feministas. Seria necessário o surgimento na sociologia da educação dessas notas de síntese para que a referência, dentre outras, anglo-saxônica se tornasse uma necessidade obrigatória, uma garantia de conhecimento da literatura, uma vez que esse não era o caso anteriormente. Infelizmente a referência permanece quase que unicamente anglo-saxônica, pouco germânica, pouco hispanofônica.

Mas, ao mesmo tempo, pode-se observar um segundo movimento, aparentemente paradoxal, pois muitas dessas notas de síntese seriam traduzidas. Elas foram traduzidas ou lidas em outros países. Não pude fazer um inventário sistemático disso, tendo me limitado a interrogar amigavelmente alguns colegas sobre o serviço de publicações do INRP, por não possuir rastros exaustivos dessas traduções. Pois, poucos de nós se preocupa em declará-las. Cada pesquisador, gerenciando de forma muito artesanal, como um pequeno empreendedor, sua produção intelectual e sua carreira, fica certamente muito feliz de ver seus textos traduzidos, mas não declara nem pede autorização à *Revista Francesa de Pedagogia*. Na verdade, parece ter havido traduções para o espanhol, o inglês, o romeno, o português (Portugal e Brasil), e não estou sendo exaustiva. Pois, para um certo número de países, a literatura científica francesa, e particularmente essas notas de síntese, graças às indicações de percurso que elas propõem, representam uma alternativa importante à hegemonia da ciência e do poder americanos. Tendo estado recentemente na América Latina, na Argentina e no Brasil, encontrei alguns pesquisadores que, tendo concluído sua formação doutoral inicial na França, muitas vezes durante um exílio político, mantêm seu vínculo intelectual e de certa maneira sua vigilância científica, entre outros, com a ajuda do instrumento que representa a nota de síntese. Os dois volumes que retomam essas notas de síntese estão aliás traduzidos e publicados ou em fase de publicação no Brasil. Isso pode parecer extremamente bizarro e paradoxal, pois, de certa maneira, essas notas de síntese contribuíram muito para a introdução da literatura americana no campo francês. Mas, na verdade, trata-se de uma releitura à francesa, em função das problemáticas e dos modos intelectuais francófonos. Esse fenômeno de culturas cruzadas particularmente forte entre o Brasil e a França foi qualificado de “antropofagia”, essa abordagem teórica original descrevendo os fenômenos de atração recíproca entre as *intelligentsias* francesa e brasileira (CARELLI, 1993)¹⁴. Essas trocas interessam muito tanto os pesquisadores de pequenos países onde predomina a intersecção de vários mundos linguísticos, quanto países submetidos à hegemonia de uma única potência, ou ainda países que trabalham para a reconstituição de suas ciências sociais após terem saído de regimes ditatoriais. Aqui se pode ver o quanto as apostas na

internacionalização podem ser importantes, tanto no plano científico quanto político. Mas as metamorfoses às quais se submetem os debates teóricos transpostos para outros contextos ou espaços políticos e sociais não podem ser subestimadas, como mostra a obra de Polymnia Zagefka sobre a sociologia da educação na Europa após 1945. Ainda fica para ser observado como esse “nomadismo”¹⁵ das teorias e dos conceitos atua numa época de mundialização afetada por movimentos de globalização e de “*glocalisation*”. Pois estes contribuem em parte à construção de um espaço discursivo educativo e, em parte, a reinterpretções, reapropriações contextualizadas. Aqui intevém não somente a exposição das teorias mas também o contexto institucional e discursivo que dá sentido ao debate, o que precisamente o quadro explicitamente acadêmico da nota de síntese permite colocar e trabalhar, evitando algumas armadilhas que envolvem a dimensão comparativa¹⁶. Pode-se assim pensar que a distância crítica tal como frequentemente são apresentadas, nesses textos, as evoluções teóricas em seus contextos sócio-políticos poderia levar a evitar movimentos de interferência, de incompreensão ou de neocolonialismo.

Uma dupla ancoragem: sociologia e ciências da educação

Quarta aposta, a dupla ancoragem dessas notas de síntese, tanto na sociologia quanto nas ciências da educação. Essa dupla ancoragem se manifesta claramente nas precauções oratórias tomadas por muitos autores na construção do objeto que com frequência apresentam no título da nota de síntese. De maneira quase conjuratória, aparece frequentemente uma fórmula introdutória referindo-se aos pais fundadores da sociologia francesa, assim expressa (posso levantá-la ainda mais facilmente quando a utilizo amplamente): “Assim como dizia Durkheim”, depois segue o objeto do delito. Outra versão: “O objeto foi evocado ou trabalhado por Durkheim, depois foi abandonado por longo tempo, mas finalmente eu chego e ei-lo revisitado para a pesquisa contemporânea.” Poder-se-ia medir aqui os efeitos de modas intelectuais nas evoluções paradigmáticas subjacentes ao enunciado desses padrinhos intelectuais.

A ancoragem nas ciências da educação manifesta-se pela varredura de uma literatura extremamente variada. Se se fizer um inventário racional, exaustivo e sistemático, mas desde o início precisei que eu não teria nem tempo nem os meios, poder-se-ia encontrar nas bibliografias mobilizadas, o conjunto das ciências humanas, ou seja, também o conjunto das ciências da educação. Vê-se bem a importância do suporte de veiculação que representa a *Revista Francesa de Pedagogia*, pois a publicação numa revisão de sociologia “pura” não permitiria ao autor essa ampla varredura de referências, que revela a complexidade da construção do objeto e os enriquecimentos recíprocos. Algumas das “caixas pretas” abertas ou reabertas pela sociologia da educação nesses últimos vinte anos nutriram-se profundamente de entrecruzamentos disciplinares, pois o trabalho às margens da disciplina leva muitas vezes a profundas renovações no seu interior, graças a rearticulações de campos considerados inicialmente como muito distintos. Fica difícil nesse sentido ignorar as apostas de constituição de territórios e de poderes

institucionais. Trata-se simplesmente de construção por hibridação ou mestissagem? Se o debate epistemológico permanece constante na comunidade das Ciências da educação (como se viu por exemplo na 70ª sessão do CNU¹⁷ ou da Associação Profissional dos Professores e Pesquisadores em Ciências da Educação em torno da questão da multirreferencialidade disciplinar ou das ancoragens disciplinares), pode-se observar que no subcampo da sociologia da educação, entre os autores que assinam as notas de síntese de sociologia da educação, uma dupla vinculação parece funcionar, não sem apostas institucionais.

Darei dois exemplos.

O artigo de François Héran, “*Sociologia da educação e sociologia da enquete, reflexão sobre o modelo universalista*”, publicado na *Revista Francesa de Sociologia* em 1989 na forma de uma nota crítica, referente à obra de Jean-Claude Forquin *Escola e cultura* e a algumas notas de síntese de sociologia da educação anteriormente publicadas na *Revista Francesa de Pedagogia*, é bastante esclarecedor a esse respeito. Ele começa assim: “Várias razões deveriam incitar os sociólogos a ler mais os especialistas franceses das ciências da educação. Seu conhecimento aprofundado das pesquisas realizadas no estrangeiro, o lugar central que ocupa a sociologia nessas preocupações, sua capacidade para tirar proveito das ferramentas documentais para abordar, sob uma nova perspectiva, as questões maiores que se colocam hoje à sociologia da educação e, como esperamos mostrar, à sociologia *tout court*...”. Difícilmente pode-se fazer um elogio maior à *Revista Francesa de Sociologia*, mas seria realmente um elogio qualificar pesquisadores de outra disciplina, pelos “*gate-keepers*” da comunidade a qual se pensa ou se sonha pertencer? O Laboratório de Sociologia da educação¹⁸, do qual alguns pesquisadores foram mencionados no artigo, não foram persuadidos, e deram uma resposta sangrenta, ainda que polida, pois as consequências podiam ser pesadas. Paranóia desse tão pequeno mundo do CNRS diriam alguns, ou apostas das hierarquizações implícitas na árvore da ciência?

Segundo indício dessa aposta de reconhecimento, a presença do conjunto de notas de síntese concernente à sociologia, publicadas na *Revista Francesa de Pedagogia* no programa de agregação¹⁹ das ciências sociais e econômicas, em 1996, referente ao tema “*A educação: atores, instituições, valores*”. Estamos, aqui também, diante de um delicioso paradoxo. É justamente de onde o conservadorismo pode ser mais intenso na homologação da “ciência normal” que vem não somente a consagração do gênero nota de síntese em sociologia da educação, mas também o reconhecimento dos objetos por elas abrangidos. É, devo dizer, muito curioso que essa legitimação acadêmica venha de uma das esferas do poder escolar que foi ou ainda é uma das mais distantes da pesquisa sobre a educação “tal como é feita”.

Segmentação e unidade do campo

Antes de concluir, gostaria de sublinhar uma quinta aposta, marcada por outra oscilação entre segmentação e unidade do campo no modo de construção dos objetos da sociologia da educação. Esta dá ritmo à escrita das notas de síntese. Não se trata mais aqui de uma simples precaução retórica dos autores para apresentar o objeto. Mas, trabalhando com objetos científicos levantados junto ao campo educativo, ou seja, junto a um campo diretamente ligado às práticas sociais, os autores são levados a tecer tramas que, explicitando a urgência da problemática, vão conjugar e religar fios muito diferentes: de um lado, classicamente, em torno de um polo que reagrupa não somente produções científicas fruto da evolução da sociologia geral, da sociologia da educação e das ciências da educação, mas também em torno de um polo que recompõe discursos políticos, discursos midiáticos, debate social, assim como a análise de práticas de terreno. Situando-se fora do laboratório, a abordagem sociológica é particularmente sensível às vibrações entre campo disciplinar e campo profissional. É, por conseguinte, em geral, na intersecção dessas diferentes dimensões que é reconstruído o objeto estudado, o que representa tanto um trabalho de poda quanto uma tentativa de exaustividade. Um dos primeiros problemas abordados é portanto a explicitação da delimitação do campo coberto. Pois, se uma das apostas é afastar o objeto “de suas boas e de suas más companhias”, segundo um dos autores, para fazer emergir sua construção como objeto científico, o levantamento dos textos potencialmente utilizáveis é extremamente ampla, o que coloca particularmente em evidência o inventário dos suportes de publicação em educação realizado por Beillerot (1999). Mas o interesse pelas notas de síntese consiste precisamente em se situar entre exaustividade e arbitrariedade, pois esses textos são frequentemente trabalhos de maturidade e não apenas primeiros capítulos de tese. Eles representam a quinta-essência de itinerários de pesquisa e de leitura, certamente apresentados numa forma bastante plana e acadêmica, mas enriquecida pelas errâncias bibliográficas e biográficas que lhes deram origem e que permitiram ao autor apreender as linhas de força que organizam e sustentam os entrelaçamentos das problemáticas²⁰.

Se, ao contrário, a atenção não incide mais sobre os modos de delimitação do campo, mas se se considera como um mesmo corpus o conjunto de referências utilizadas, chega-se a cerca de 4.000 registros. Estes se recortam amplamente, de um texto a outro. Um trabalho bibliométrico de reagrupamento sistemático permitiria fazer emergir a unidade do campo e não apenas sua fragmentação, pois parece-me que há ao mesmo tempo, dialeticamente, segmentação pela especialização e profunda unidade decorrente da difusão recíproca do campo. Trata-se aqui somente de intuições que precisariam ser demonstradas, o que poderia representar, para um trabalho de sociologia das ciências, um material muito interessante.

Uma ética da pesquisa

Para concluir, gostaria de evocar uma sexta aposta que me parece muito importante e da qual pouco se fala. Gostaria de exprimir aqui as coisas em termos de expectativas em torno de um ética da pesquisa em educação e em sociologia da educação. Para isso, limitar-me-ei nesta homenagem a retomar os propósitos de Jean-Claude Forquin, em sua apresentação, em 1993, da coletânea *Leituras e leitores em educação*, na qual Jean Hassenforder reunira os “Itinerários de leitura”, publicados anteriormente nas *Perspectivas documentárias em educação*. Após se opor, no início do texto, à “ética coletiva da pesquisa” e ao “ethos individual da leitura” (FORQUIN, 1993), Jean-Claude Forquin conclui: “Ler faz parte integrante do trabalho do universitário e do pesquisador. Somos e permanecemos essencialmente pessoas do Livro, isso quer dizer que todos os conhecimentos que elaboramos, todos os pensamentos que exprimimos estão sempre “presos” a outras produções, a outros pensamentos elaborados por outrem e que foram depositados nos livros. Para nós, o livro é mais que uma ferramenta, mais que uma companhia, ele é o próprio elemento de nossa existência. (...) Ler é reconhecer que se foi precedido, que não se recomeça o mundo a cada manhã, é assumir sua parte na responsabilidade da memória do mundo. É por isso que não se poderia levar adiante esse tipo de inventário que constitui um itinerário de leitura sem uma certa emoção, sem uma certa apreensão: é listar aqueles a quem se estima ser devedor; é se portar como seus testemunhos aos olhos dos que por sua vez nos lerão, e que por essa razão estão em relação a nós na posição de sucessores ou de ‘legatários’”. É por isso também que, conclui ele (e eu também concluirei com esta última frase): “o trabalho bibliográfico comporta sempre um aspecto sagrado.”

Notas

¹ Instituto Nacional de Pesquisa Pedagógica (N. da T.).

² Centro de Documentação e de Pesquisa específico do INRP, fundado por Jean Hassenforder e destinado aos pesquisadores, visando permitir o acesso direto às obras, algo raríssimo na condição de miséria das bibliotecas francesas de ciências humanas.

³ Para retomar o título da obra que introduz em francês alguns textos de Goffman (WINKIN, 1988).

⁴ Centro Nacional de Pesquisa Científica (N. da T.).

⁵ Unidade de Formação e de Pesquisa (N. da T.).

⁶ A obra *Homo academicus* de Pierre Bourdieu foi publicada em 2011 pela Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (N. da T.).

⁷ Da mesma maneira, Olivier Martin (2000) estuda, através da publicação dos manuais de sociologia das ciências, a instalação de um novo campo científico na sociologia francesa.

⁸ Esta obra, organizada por Jean-Claude Forquin, foi publicada no Brasil em 1995 pela Editora Vozes (N. da T.).

⁹ Este artigo integra a obra *Usos e abusos da história oral*, organizada por Ferreira e Amado (1996, p. 183-191) e publicada pela Editora da Fundação Getúlio Vargas (N. da T.).

¹⁰ Escola Normal Superior (N. da T.).

¹¹ Pode-se observar a importante produção do subcampo da sociologia da educação ligada ao centro das ciências da educação. Recenseamentos como os elaborados por Marie Duru-Bellat (1999) mostram que essa proporção pode atingir um terço do campo.

¹² As regras desta confrontação foram objeto de debates: Bourdoncle, Forquin e Reuter (1998).

¹³ Referindo-se ao belo histórico de Michèle Perrot (2000).

¹⁴ Sobre essa metáfora da devoração cultural que percorre toda sociedade brasileira, ver: Maria Eugenia Nabuco, “Tupi or not Tupi”, *Terre du CIEN*, n° 3.

¹⁵ Do qual uma das últimas publicações da *Revista O homem*, intitulada *Intelectuais em diáspora e teorias nômades* oferece interessantes exemplos entre a Índia, a Europa e os Estados Unidos através do desenvolvimento de estudos indianistas e das peregrinações de pesquisadores entre os continentes e departamentos universitários. Esse número, a exemplo da publicação desse colóquio, “apoia-se sobre ‘ensaios de ego-história’ de valor documentário com fundo palpante e vital”. Cf.: ASSAYAG e BENEÏ (2000).

¹⁶ Assim como tentamos mostrar “Em torno do comparatismo” (SIROTA, 2001).

¹⁷ Conselho Nacional das Universidades. (N. da T.)

¹⁸ É preciso lembrar que não existe no CNRS nenhuma comissão de Ciências da educação e, portanto, de reconhecimento desta disciplina, apesar das inúmeras tentativas realizadas por mais de vinte anos. Pode-se encontrar os termos desse debate tão científico quanto institucional ou político na obra Plaisance e Vergnaud (1993).

¹⁹ Concurso de “*agrégation*” é exigido para atuar como professor de liceu ou de faculdade que confere o título de professor “*agrégé*”. (N. da T.)

²⁰ Um estudo comparativo dos itinerários de leitura apresentados na revista *Perspectives documentaires en Éducation*, de suas notas de síntese e dos textos de algumas habilitações permite melhor apreender a contribuição dessas errâncias à construção do campo, assim como seu lugar na construção da carreira dos pesquisadores.

Referências

ASSAYAG, Jackie; BENEÏ, Véronique. “À demeure en diáspora”. *L’Homme*, n° 156, octobre-décembre/2000.

BEILLEROT, Jacky. *Les périodiques et l’éducation, éléments pour un état des lieux de la diffusion de la recherche*. Rapport CNCRE-INRP. Paris: INRP, avril/1999.

BOURDIEU, Pierre. *Homo Academicus*. Paris: Éditions de Minuit, 1984.

BOURDIEU, Pierre. L’illusion biographique. *Actes de la recherche en sciences sociales*, n° 62-63, 1986, p. 69-72.

BOURDONCLE, Raymond; FORQUIN, Jean-Claude; REUTER, Yves. Confrontation de pratiques: Évaluation des produits de la recherche (thèses et articles). In: La recherche dans les Sciences de l’Éducation “telle qu’elle se fait”. *Bulletin de l’Association des Enseignants et Chercheurs en Sciences de l’Éducation*, n° 20-21, avril/1998, p. 32-36.

CALLON, Michel. *La science et ses réseaux*. Paris: Éditions La Découverte, 1989.

CARELLI, Mario. *Cultures croisées, histoire des échanges culturels entre la France et le Brésil de la découverte aux temps modernes*. Paris: Nathan, 1993.

CARRAZ, Roland (Dir.) “*Rapport Carraz*”: *Recherche en Éducation et en Socialisation de l’enfant: Rapport de mission au ministre de l’Industrie et de la Recherche*. Paris: La Documentation Française, 1983.

DEBESSE, Maurice; MIALARET, Gaston (Éds.). Aspects sociaux de l'éducation. In: *Traité des sciences pédagogiques*, T. 6. Paris: PUF, 1974.

DURU-BELLAT, Marie. *La recherche en éducation et en formation en France, éléments pour un état des lieux*. Comité national de coordination de La recherche en éducation, Ministère de l'éducation nationale, de la recherche et de la technologie. Paris, avril/1999.

FORQUIN, Jean-Claude. De nouveaux champs pour la sociologie de l'éducation. In: FORQUIN, Jean-Claude (Dir.). *Sociologie de l'éducation: nouvelles approches, nouveaux objets*. Paris: INRP, 1997, p. 5-17.

FORQUIN, Jean-Claude. L'usage des synthèses dans la recherche en éducation. *Perspectives documentaires en éducation*, n° 37, 1996, p. 71-80.

FORQUIN, Jean-Claude. La sociologie de l'éducation américaine et britannique: une tradition de recherche puissante et plurielle. In: FORQUIN, Jean-Claude. *Les sociologues de l'éducation américains et britanniques: présentation et choix de textes*. Bruxelles/Paris: De Boeck/INRP, 1997, p. 9-88.

FORQUIN, Jean-Claude. La sociologie du curriculum en Grande-Bretagne: une nouvelle approche des enjeux sociaux de la scolarisation. *Revue Française de Sociologie*, vol. 25, n° 2, avril-juin, p. 211-232 (première version In *Cahiers du Centre de Recherches Sociologiques*, Cahier n° 2, mai/1984, p. 25-56).

FORQUIN, Jean-Claude. Présentation. In: HASSENFORDER, Jean (Dir.). *Lectures et lecteurs en éducation*. Paris: INRP, 1993, p. 13-17.

GRAS, Alain. *La sociologie de l'éducation: textes fondamentaux*. Paris: Larousse, 1974.

HERAN, François. Sociologie de l'éducation et sociologie de l'enquête: réflexions sur le modèle universaliste. *Revue Française de Sociologie*, vol. 32, n° 3, juillet-septembre/1991, p. 457-491.

HOFSTETTER, Rita; SCHNEUWLY, Bernard. Sciences de l'éducation entre champs disciplinaires et champs professionnels. *Raisons éducatives*, n° 1-2 (Le pari des sciences de l'éducation). Bruxelles: De Boeck, 1998, p. 7-25.

Intellectuels en diaspora et théories nomades. *L'Homme*, n° 156, octobre-décembre/2000.

ISAMBERT-JAMATI, Viviane. *Les origines d'une sociologie de l'éducation institutionnalisée*. Exposé lors de la journée Education et Société de mai/1999 (INRP), doc. ronéo.

ISAMBERT-JAMATI, Viviane. Préface. In *Sociologie de l'éducation: dix ans de recherches*. Paris: INRP/L'Harmattan, 1990, p. 9-17.

ISAMBERT-JAMATI, Viviane. *Que devient la sociologie de l'éducation en France?* Exposé au colloque de la PUC, Rio de Janeiro, septembre, doc. ronéo, 1984.

ISAMBERT-JAMATI, Viviane; MAUCORPS, J.G. La sociologie de l'éducation dans le monde, Rapport établi pour l'Association Internationale de Sociologie. *Current Sociology*, vol. 20, n° 1, 1972.

LATOUR, Bruno. *Le métier de chercheur, regard d'un anthropologue*. Paris: INRA éditions, 1995.

MARTIN, Olivier. La sociologie des sciences au prisme de ses manuels. *Cahiers internationaux de sociologie*, vol. CIX, juillet-décembre/2000.

PARIAS, Louis-Henry (Dir.). *Histoire de l'enseignement et de l'éducation en France*. Paris: Nouvelle Librairie de France/G.V. Labat, 1981-1982.

PERROT, Michèle. "Chemins et problèmes de l'histoire des femmes en France". In: GARDEY, Delphine; LOWY, Ilana. *L'invention du naturel. Les sciences et la fabrication du féminin et du masculin* (Dirs.). Paris: Éditions des archives contemporaines, 2000.

~~PLAISANCE, Eric; VERGNAUD, Gérard. *Les sciences de l'éducation*. Paris: Éditions La Découverte, 1993.~~

Pour un bilan de la sociologie de l'éducation. *Cahiers du centre de recherches sociologiques*, n° 2, Avant-propos de J.-M. Berthelot, mai/1984.

Programmes de l'agrégation. (Sciences sociales, thème L'éducation: Acteurs, institutions, valeurs). *Bulletin Officiel de l'Éducation nationale*, n° 3, 2, mai/1996.

SIROTA, Régine (Éd.). Autour du comparatisme. Introduction à *Autour du comparatisme en éducation*. Paris: PUF, 2001.

SIROTA, Régine. *L'école primaire au quotidien*, Paris: PUF, 1988.

SIROTA, Régine. La recherche dans les Sciences de l'éducation, "telle qu'elle se fait". *Bulletin de l'Association des Enseignants et Chercheurs en Sciences de l'Éducation*, n° 20-21, avril/1998.

Sociologie de l'éducation, dix ans de recherche. Recueil de notes de synthèse publiées par la *Revue française de pédagogie*, textes réunis par Jean Hassenforder. Paris: INRP, L'Harmattan, 1990. Tradução: *Sociologia da Educação. Dez Anos de Pesquisa*, Petrópolis, RJ, Vozes, 1995.

WINKIN, Yves. Erving Goffman: *Les moments et leurs hommes*, textos recolhidos e apresentados por WINKIN, Yves. Paris: Le Seuil, 1988.

ZAGEFKA, Polymnia. La sociologie de l'éducation en Europe depuis 1945: courants théoriques et contextes sociaux. *Sociologie de l'éducation en Europe depuis 1945*. Fontenay Saint-Cloud: ENS Éditions, p. 9-26, 1997.